

PESCA E PESCADORES EM CASCAIS

TEMÁTICA

Profissões da nossa terra

UNIDADE CURRICULAR

A vida quotidiana e a organização da comunidade: Cascais de ontem e de hoje

INTRODUÇÃO

Cascais, em virtude da sua situação geográfica, manteve sempre uma relação privilegiada com o mar. Ao longo dos séculos foi local de passagem de vários povos, porto de abrigo de viajantes, local de partida e chegada para naus e caravelas que se lançaram na epopeia dos Descobrimentos e centro pesqueiro que, em pouco tempo, se tornou num dos maiores abastecedores de pescado da capital. A importância da pesca para Cascais foi tão significativa que ficou registada no brasão da vila através de um ondulado de prata e verde, símbolo do mar, coberto por uma rede dourada, representativa da atividade piscatória.

Com o passar dos anos, a introdução do navio a vapor e o nascimento das marinhas mercantes, Cascais deixou de ser apenas um porto de pesca para se afirmar sobretudo enquanto centro de turismo e de desportos náuticos. Atualmente a pesca profissional que se pratica na orla costeira de Cascais é uma atividade artesanal centrada nas espécies mais comerciais, como o polvo, o robalo, alguns crustáceos e a sardinha.

DESCRIÇÃO

O estabelecimento de pescadores em Cascais fez-se numa pequena praia de enseada, hoje conhecida por Praia da Ribeira ou Praia dos Pescadores, na baía de Cascais, que, beneficia da presença de uma grande diversidade de espécies piscícolas e de condições singulares de abrigo para as embarcações que navegando ao longo da costa a norte de Lisboa pretendem entrar ou sair da Barra do Tejo.

Remontando ao período romano, podemos encontrar, junto à baía de Cascais um conjunto de tanques (cetárias) destinados à salga e produção de pasta de peixe (*garum*) que denunciam a utilização da Praia da Ribeira como porto de pesca. Esta importância económica do mar manter-se-ia ao longo de toda a Idade Média, sabendo-se que entre as atribuições do alcaide do mar de Lisboa constava o policiamento dos pescadores de Cascais. Ainda em 1427, D. João I, através de uma carta de privilégio, isentaria os pescadores da vila de embarcarem nas galés e de cumprirem o serviço militar, uma vez que deles dependia o abastecimento de peixe à região.

O início da expansão portuguesa, no século XV, provocou um aumento do movimento no porto de Cascais e muito embora a vila tenha permanecido sem alfândega a Coroa mantinha em funções dois oficiais que fiscalizavam a cobrança de impostos relativos às transações comerciais aí efetuadas. Apesar dessa tendência ter sido revertida, em consequência da concentração do comércio marítimo no porto de Lisboa, a atividade piscatória parece ter mantido alguma importância pois no foral de 1514, concedido por D. Manuel I, constam algumas determinações acerca do preço do peixe e dos impostos a pagar pela sua comercialização.

O decréscimo da atividade piscatória acentuou-se com o terramoto e maremoto de 1755, quando Cascais perdeu dois terços das embarcações do seu porto. Nas *Memórias Paroquiais* de 1758, o pároco da Igreja de Nossa Senhora da Assunção refere-se também à diminuição do volume de peixe disponível, por oposição à abundância de marisco. Desta forma, «Alguma penúria há já de peixe, para o que antigamente foi», mas «tem munta lagosta, e marisco de toda a Casta»...



Varinas em Cascais, c. 1930
Veja a [imagem](#) no Flickr

A partir de finais do século XIX a vida quotidiana em Cascais ganhou uma nova dinâmica devido à presença da Família Real, que passou a frequentar a vila durante a época balnear. A pequena povoação marítima viu, então, aumentar consideravelmente o

número de habitantes e de visitantes, o que beneficiou toda a economia local. Banhistas e pescadores passaram, então, a frequentar uma Praia da Ribeira dividida entre toldos e embarcações de pesca.

A pesca também teve de se adaptar ao desafio do crescimento e para lhe fazer face foram lançadas ao mar as primeiras armações valencianas para a captura de sardinha, iniciando-se, com este processo, a exploração intensiva ou industrial da pesca em Cascais. O sucesso deste método foi considerável e logo em 1882 uma portaria estatal delimitou os locais da baía onde se podiam lançar armações para a pesca da sardinha, de forma a resguardar a rota tradicional das embarcações que fundeavam na vila antes de entrarem na Barra do Tejo.



Barcos na praia da Praia da Ribeira, c. 1930
Veja a [imagem](#) no Flickr

Tratava-se de um trabalho sazonal, que durava de março a novembro, libertando, nos restantes meses, mão-de-obra para a agricultura. Parte considerável do pessoal que trabalhava nestas campanhas vinha de regiões marítimas como o Algarve ou a Figueira da Foz, onde os salários eram consideravelmente mais baixos e as condições menos favoráveis, como o denunciaria, em 1944, o nº 6 do *Jornal do Pescador*, ao anotar que «a classe piscatória desta localidade [...] constitui uma amálgama de pescadores locais, com uma grande massa de pescadores da Figueira da Foz, que com os seus

descendentes aqui se fixaram, de envolta com algumas famílias algarvias, há dezenas de anos para aqui vindas». A sazonalidade inicial foi-se alargando com o prolongamento das campanhas e com o aproveitamento dos dias maus para ocupações turísticas, pelo que muitos não regressariam às suas terras.

Já no início do século XX apareceram os galeões de cerco americano, ou seja, os barcos a vapor, logo seguidos das traineiras, embarcações mais pequenas em dimensão, número de tripulantes e custos associados. Em ambos os casos passaram a ser usadas técnicas de busca e recolha através de uma rede que se distinguiu das capturas com aparelhos fixos por não estarem dependentes dos circuitos dos cardumes.

Datam igualmente do final do século XIX as primeiras tentativas para a montagem em Cascais de viveiros de crustáceos, espécies muito procuradas por franceses e que alcançavam bons preços. Neste campo, o projeto mais interessante, ainda que não concretizado, foi apresentado em 1904 por Jorge O’Neill para a foz da Ribeira dos Mochos e Praia do Lavra (atual Praia de Santa Marta), frente ao local onde edificou o seu palácio de veraneio.

A pesca é uma atividade desenvolvida no mar, mas cujas bases do trabalho assentam em terra, o que significa que diversos tipos de trabalho eram efetuados antes ou depois de se colocar ou retirar a embarcação da água. No início e no final de cada campanha o material tinha de ser limpo e arranjado. Os trabalhos mais leves eram quase sempre feitos na praia e os restantes na Parada, atual Jardim Costa Pinto.



Pescadores com redes na Praia da Ribeira, em Cascais, c. 1900 (à esquerda) e c. 1950 (à direita)
Veja as imagens [esquerda](#) e [direita](#) no Flickr

A fragilidade das embarcações traduzir-se-ia numa fortíssima religiosidade, que nas horas de aflição se exprimiu em orações e promessas à sua padroeira – Nossa Senhora dos Navegantes – assim como aos seus santos favoritos e, ainda, em procissões, missas, bênçãos e ex-votos de demonstração de agradecimento ao poder divino, que em parte ainda se mantêm. Quando os homens voltavam do mar parte do peixe era descarregado e vendido na praia, momento a que se seguia a venda pelas ruas de Cascais, a cargo das

peixeiras que, por vezes descalças, com canastras à cabeça, sogra ou rodilha, algibeira e avental, chamavam os compradores à porta dizendo «Olha a sardinha! É viva da costa! Venha cá freguesa!».

O início da I Guerra Mundial aumentou a pressão sobre a atividade piscatória devido à necessidade de matéria-prima para satisfazer uma indústria conserveira com um fulguroso aumento de procura, que se desenvolveu devido à necessidade de se produzirem alimentos com maior durabilidade. Ferreira de Andrade refere a existência de doze fábricas de peixe em Cascais, entre 1915 e 1920, sendo então frequentes as queixas apresentadas à Câmara Municipal devido ao mau cheiro provocado por estas indústrias...



Recolha de peixe das redes, na Praia da Ribeira, em Cascais, c. 1950
Veja a [imagem](#) no Flickr

Algum peixe era levado para a lota para ser comercializado e chegar depois ao comprador particular. Todavia, uma grande parte era logo adquirida no barco por fábricas de transformação de pescado. Os compradores avaliavam por milheiros, sendo que um milheiro equivalia a mil sardinhas. Note-se que antes da construção da atual Lota, inaugurada em 1950, o peixe era colocado em bancadas de pedra ao ar livre e conservado com gelo e sal enquanto era leiloado por um pregoeiro. O sistema de leilão, caixa a caixa, seguindo a ordem das espécies, manteve-se até aos dias de hoje, tendo o pregoeiro sido substituído pelas novas tecnologias que permitem fazer ofertas *on line*.

A partir de meados do século XX a atividade piscatória em Cascais sofreu um declínio acentuado devido à melhoria das condições de pesca em diversos portos ao longo da costa portuguesa e pela escolha de outras profissões por parte dos filhos dos pescadores, que deixaram de seguir a tradição familiar. Esta redução é bem visível no número de registos de embarcações de pesca, que passou de 252 entre 1947-1956, para 34 em 1967-68. Hoje a pesca profissional em Cascais é artesanal e centrada nas espécies mais comerciais, como o polvo, o robalo, alguns crustáceos e a sardinha.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Reconhecer a pesca como uma das atividades tradicionais do concelho.
Identificar alguns dois locais mais emblemáticos para a história da pesca e da relação de Cascais com o mar.

RECURSOS E ATIVIDADES

Álbum [Pesca e pescadores de Cascais](#) de *Cascais em Imagens* (Flickr)
Visita ao Museu do Mar (por marcação)

FICHA DE EXPLORAÇÃO

1. O facto de as embarcações serem muito frágeis esteve na origem de uma forte religiosidade por parte da população piscatória. Assim, nas horas de maior aflição rezava-se a que Santa Padroeira? Assinala a resposta verdadeira:

- | | |
|------------------------------|--------------------------|
| Nossa Senhora das Neves | <input type="checkbox"/> |
| Nossa Senhora dos Aflitos | <input type="checkbox"/> |
| Nossa Senhora da Assunção | <input type="checkbox"/> |
| Nossa Senhora dos Navegantes | <input type="checkbox"/> |

2. O *Jornal do Pescador* descreve as origens de alguns dos pescadores que se fixaram em Cascais. Relê a Ficha de Conteúdos e completa o texto que se segue:

«a classe piscatória desta localidade [...] constitui uma amálgama de pescadores _____, com uma grande massa de pescadores da _____, que com os seus descendentes aqui se fixaram, de envolta com algumas famílias _____, há dezenas de anos para aqui vindas»

PARA SABER MAIS

ANDRADE, Ferreira de, ed. lit. - *Monografia de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal, 1969. 276, [5] p., [5] f. mapa, fot., estampas

Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

LE GAC, Agnès [et al.] - *500 anos do Foral Manuelino de Cascais: 1514-2014*. Cascais: Câmara Municipal, D.L. 2016. 213, [3] p., a 2 colns. ISBN 978-972-637-276-9

Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

HENRIQUES, João Miguel - *Cascais em 1755: do terramoto à reconstrução*. Cascais: Câmara Municipal, D.L. 2005. 263 p. ISBN 972-637-154-6

Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

HENRIQUES, João Miguel; SEQUEIRA, Margarida - *1914-1918: Cascais na I Guerra Mundial: cronologia*. [Cascais: Câmara Municipal, 2014]. 207 p. ISBN 978-972-637-268-4

Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

MACEDO, Joana Marques; LORIGO, Manuel - *O regime alimentar dos pescadores de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal; Lisboa: Colibri, 2008. 94, [3] p. ISBN 978-972-772-738-4

Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

SOUTO, Henrique; Martins, Luís Sousa - *Cascais: tradição e indústria nas pescas*. Cascais: Câmara Municipal, D.L. 2009- . vol. ISBN 978-972-637-217-2

Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

FICHAS RELACIONADAS

Agricultura e agricultores em Cascais

Canteiros de Cascais: a arte de trabalhar a pedra

Cetárias romanas